

UMA VIAGEM PELOS TRILHOS DO TREM BAIANO

Percorrendo os trilhos, por onde seguia o trem do sertão, nos deparamos com belas paisagens, grandes riquezas culturais de um sertanejo que traz consigo a esperança de que o trem de passageiros volte a viajar por essas comunidades por onde, quando ele passava era festa e oportunidade de melhorar de vida. É com saudade que Zeilda lembra das viagens no trem baiano. “Morro de saudade. Era outra coisa. Agora, por exemplo, eu quero ir embora para casa e não tenho condução”, declara a lavradora Zeilda Maria de Jesus.

No percurso, o primeiro município visitado pela equipe de expedicionários: Capitão Enéas. A história conta que a cidade foi criada graças a um visionário capitão, que comprou um terreno para instalar a fazenda Burarama de Minas. Ao saber que a chegada do trem se aproximava, e com ele a promessa de desenvolvimento para região, decidiu criar o município.

Na cidade do capitão, conhecemos o trabalho do artesão Zé Maria Murça. Um aposentado, que passa horas em um banco criando peças de arte, inspiradas nas histórias de sua vida e no seu cotidiano. Ele ainda se recorda do trem e tem esperança na sua volta: “Sou mineiro, uai, e torço pela volta do trem. Se isso acontecesse seria bom demais”.

Ainda, na cidade futurista de largas avenidas nos deparamos com um potencial turístico relevante. Em Santana da Serra, visitamos a Serra do Boqueirão. “Com tanta riqueza, a idéia é definir, em Capitão Enéas,

uma área de preservação e conservação com a criação de um parque”, explica José Elcio Silvestre de Brito, chefe do departamento de Meio Ambiente.

A Lapinha de Santo Antônio guarda uma história. Diz a lenda que foliões entraram na lapinha cantando e sapateando, quando de repente, uma grande pedra fechou a entrada da caverna. Os foliões pediram a Santo Antônio que salvasse suas vidas, tirando-os de dentro da lapinha. Segundo dona Maria Júlia, moradora do distrito de Santanta da Serra: “após algum tempo, um espaço foi se abrindo entre as pedras até que os foliões puderam sair. Eles voltaram e contaram a história de que foram salvos pela devoção ao santo casamenteiro”.

Entre as formações rochosas de calcário da Serra do Boqueirão, a Lapa Pintada é composta por um complexo de grutas. No local, podemos ver figuras rupestres, que revelam características culturais daqueles que ali habitaram. Em alguns casos, representações de animais que nem existem mais, como afirma o geógrafo Robson Lucas Miranda:

“A gente observa, aqui, nessa caverna registros da presença do homem em tempos passados. Várias marcações e desenhos, que devem ser preservados para que a gente possa contar a nossa história. Com um plano de manejo adequado e visitas controladas, vamos conseguir perpetuar toda uma história, que está aí para ser observada, mas com muito cuidado e zelo.”

Imagens Solon Queiroz²

¹Participante da III Expedição Caminhos dos Geraes, uma promoção da Prefeitura de Montes Claros, por intermédio da Secretaria de Meio Ambiente e da Fundação Cultural Genival Tourinho, que conta com o apoio e a parceria do Instituto Estadual de Florestas. Jornalista responsável pela produção de uma série especial de reportagens veiculadas de 20 a 23 de novembro de 2007.

²Fotógrafo participante da III Expedição Caminhos dos Geraes: No roteiro Trem Baiano.

Seguindo viagem, na estação de Oreon, lembranças das viagens pelos trilhos do sertão.

“Era mais fácil para a gente andar e viajar, e tudo. E, hoje é uma dificuldade pra gente andar. Na época do trem, eu fazia muitas viagens, conhecia muitos lugares. Eu ia pra casa da minha filha, em Montes Claros. Hoje, até, passo anos sem ver. Porque é difícil demais para eu ir. Eu tenbo é saudade do trem demais”, se emociona dona Maria Júlia Pereira, moradora de Oreon, distrito por onde o trem baiano passava.

Em Caçarema, visitamos a estação Messias Lopes. No local, situação de abandono. Dona Ana ferreira, moradora de uma das comunidades, que nasceu às margens dos trilhos, lembra com saudade do tempo em que seu restaurante funcionava:

“Aqui, só temos o ônibus. E esse ônibus dá tantas voltas. Passa pela Santana, Oreon gasta mais de três horas de Montes Claros

até chegar aqui. Ficou muito difícil. Com o trem, não era mais rápido, mas era melhor, pegava ele aqui mesmo. Era mais fácil o transporte. Eram quatro trens, dois desciam e dois subiam. Então, aqui era um ponto de almoço desses trens”, relembra os tempos vindouros.

Quem denuncia a depreciação do patrimônio público, situação da maioria das estações por onde o trem de passageiros passava, é o presidente da OSCIP³ Amigos do Trem Baiano, Alberto Bouchardet.

“O abandono de estações é comum, em todo o Brasil. Mas, aqui no Norte de Minas, está acontecendo uma peculiaridade, que temos visto e presenciado, como aconteceu em Tocandira. As empreiteiras, contratadas pela FCA (Ferrovia Centro Atlântica, empresa concessionária do serviço de transporte de carga na linha por onde o trem baiano viajava), amarram um automóvel de linha e puxam o telhado das estações, alegando segurança. Mas isso é uma depreciação de um patrimônio público federal”.



Foto Solon Queiroz

³ OSCIP, Organização da Sociedade Civil de Direito Público.

Para muitos, a volta do trem de passageiros é um sonho distante, mas não impossível. Eles sonham viajar, novamente, no trem dos pobres. “A maioria do povo espera o dia dele voltar, com o tempo. Se o trem voltar é uma beleza. A gente espera que ven”, declara seu Aureliano Agostinho de Oliveira, agricultor.

Para dona Alice, apesar de um pouco demorada, a viagem no trem baiano era segura e tranqüila:

“Era uma viagem, assim, tranqüila, mas cansativa mesmo. Mas era divertido, também. Ali a gente arrumava amigos. A viagem sendo longa a gente fazia amizade. Como eu viajei daqui para Belo Horizonte, daqui para Iaçú, na Bahia. Viajei várias vezes. Eu achava que era um divertimento, parece que era até mais seguro que agora, sempre está acontecendo uma coisa e outra. Pelo fato do trem sempre viajar muito devagar, era uma viagem lenta, mas era tranqüila, a gente sentia segurança”. (Alice Neres de Almeida)

No início, o trem trafegava de Monte Azul até Belo Horizonte, levando retirantes do Nordeste para trabalhar, em São Paulo. Na década de noventa, por falta de investimentos, o transporte de passageiros entrou em decadência. O trem de passageiros fez a sua última viagem no trecho entre Monte Azul e Montes Claros, no dia quatro de setembro de 1996.

Em Janaúba, o encontro com vários trabalhadores que dedicaram anos de suas vidas para servir, com muito amor, à Rede Ferroviária Central do Brasil. Apesar de árduo e cansativo, para eles o serviço executado era sempre prazeroso.

“Para nós trabalhar, era assim, muito importante. Porque pelo nosso trabalho, podíamos tirar o nosso sustento e de nossa família e realizar os nossos sonhos. Tinha aquela oportunidade de estar convivendo com nossos colegas e com a companheirada. E isso para a gente era muito importante.

O trem está fazendo muita falta. Nós como ex-ferroviários muitas vezes temos esperança, aquela vontade de estar convivendo no meio daquela sociedade, que estava viajando, pegando o trem mesmo que para um passeio, faz muita falta”, concluiu José de Barros, ex-ferroviário.

Amada e venerada pelos ex-funcionários e passageiros do Trem Baiano, dona Lourdes Santos afirma não chorar mais porque não tem mais lágrimas, mas ainda se ressentido ao lembrar do tempo em que o trem dos pobres trazia alegria e desenvolvimento aos Geraes.

*“O trabalho era maravilhoso. Sofrido, mas eu gostava muito. Sempre estava de braços abertos para os passageiros que chegavam. Seja rico ou pobre, meu modo de atender era um só. De tudo me resta, amor, saudade, paixão de ter acabado com isso aqui. Nossos filhos participaram de tudo. Mas o bendito Fernando Henrique acabou com tudo. Então, eu sinto muito, porque acabar com as coisas é muito fácil, agora, vamos construir para ver, vamos construir. Você começa a fazer um bordado, você faz ele com aquele entusiasmo, aquela coisa toda. Depois você fala: vou desmanchar, já fica assim, né, então.”**

Chegando a estação de Tocandira, a equipe de aventureiros foi recebida ao som de fogos de artifício e muito calor humano. A estação é conhecida pelos famosos biscoitos de Tocandira. Dona Maria Barbosa de Souza, ainda, tem recordações do tempo em que vendia biscoitos na estação.

“Quando tinha o trem baiano, era muito bom. Porque a gente fazia as coisas para vender. A gente via um dinheirinho, era essa época. Porque tinha movimento, tudo que você fazia e levava lá vendia. E, hoje, não parou, não tem mais movimento, acabou. Ficou tão ruim pra gente depois que esse trem parou”, afirmou emocionada a biscoiteira.

É numa grande demonstração de fé e esperança na volta do trem baiano, a população de Tocandira fez um abraço simbólico à estação.

No percurso pelos trilhos do trem baiano, a nossa equipe pode conhecer de perto a vida desses sertanejos, que mantêm viva a esperança pela volta do trem de passageiros. Dona Maria Ana lembra com saudade daquele tempo. Ela nos conta a história de sua vida, que em muitos momentos se confunde com a do trem dos pobres.

“Eu cheguei à região, em 1953, estava sendo construída a estrada da linha. O trem ainda não passava, nós vínhamos a cavalo, outra hora de carroção, era assim. Aqui, quando o pessoal mexia na rede, a gente alugava o salão, a turma vinha para cozinhar. Fazia aquelas camas tudo, uma quase em cima da outra. E era aquela alegria. Depois acabou tudo. Depois que o trem parou, ficou tudo mais difícil. Agora tem que pegar os ônibus para ir até Montes Claros. E no trem não, toda hora ele passava e a gente ia embora”. (Depoimento Maria Ana de Jesus)

Seguindo viagem, a equipe foi recebida com festa, em Catuti. Recepção calorosa com a representação de manifestações culturais e as histórias do trem, que servem de inspiração para os poetas da cidade.

“O trem que vem surgindo atrás dos montes, neste trilho que some de vista aos fins dos horizontes. Olha o trem, que vem surgindo da mata, passando no meio da cidade, perto da praça, o povo se reúne, logo o abraça, vêem o trem passar de vagão em vagão soltando fumaça. Os amigos se encontravam quando ele chegava na estação, muitos choravam, era grande a emoção. Com ele, o sol tinha mais brilho, o povo parava para ver o trem passar no trilho”. (Poema do adolescente catutiense, de 15 anos, José Nilton Pereira Barbosa)

O poeta Edilson Pedro Freitas Batista, já, participou de duas edições do Psim Poético e na oportunidade afirmou “eu recito uma coisa que não sai só de dentro de mim, mas o que o pessoal sente”.

“Esse é o trajeto do trem. Foi-se o trem, lembro das despedidas. Junto foram partes da nossa vida. Trem de passageiros: era o transporte de muitos brasileiros, principalmente, de nós mineiros. Na estação, de tudo se vendia. Para os passageiros, tudo era motivo de alegria. Tic-tac, tic-tac... esse som ele produzia. Volte trem pelo amor de Jesus e Maria. Tenho esperanças que ele possa voltar, nós mineiros vamos festejar.” (Poesia de Edilson Batista)

Em exposição no salão paroquial, objetos antigos da época em que o trem de passageiros passava por Catuti. Seu Pedro Batista lembra com saudade do tempo, que lucrava com as viagens no trem.

“Eu tenho muita saudade, porque eu ganhei um pouco de dinheiro. Toda sexta-feira ia para Monte Azul e voltava no domingo lá eu vendia produtos e dava serviço para muita gente. Depois, aí o trem foi embora, ficou a saudade e a gente pede que esse trem volta. Se ele voltasse, seria melhor para nós. A gente viajava pra um bocado de canto, para Montes Claros. Era tudo bem mais fácil”, afirmou o lavrador.

Dona Giruzinha é uma das moradoras mais antigas de Catuti. Até hoje sonha em rever o trem baiano levando passageiros pelos trilhos do sertão.

“Era bom, uma beleza. Nós íamos para estação vendia café, biscoito. Eu vendia para a mulher, que era dona do restaurante do trem. Eu vendia toda segunda-feira seis caixas de ovos. Eu despachava para Belo Horizonte e era uma beleza. Todo mundo vendia seu tostão, pamonha, café, biscoito, beiju, tudo quanto há vendia na estação. Quando o trem passava era uma festa, a

estação ficava cheia de gente. Depois quando o trem ia embora, ia cada um para a sua casa cuidar das suas coisas. O trem era uma ajuda do povo”.

A estação de Catuti passa por reforma com recursos do Ministério do Turismo. No local, vai funcionar a Casa de Cultura Tião Carreiro, uma homenagem ao artista da região que ganhou o mundo com a sua viola sertaneja.

“Nós procuramos recursos junto aos Ministérios e encontramos junto ao Ministério do Turismo. Uma parceria onde, em Emenda Parlamentar, nós conseguimos através de um projeto de reforma desta estação um valor de R\$ 97.500, com a contrapartida do município, nós devemos estar gastando nesta reforma em torno de R\$ 103.000. A idéia do projeto, previsto para ser inaugurado em dezembro de 2007, é transformar essa estação em um Centro Cultural e um Museu, onde a população terá total acesso. E vamos esperar pela volta do trem. Assim que o trem voltar a funcionar ela estará pronta para atender aos passageiros do Trem Baiano” (José Barbosa Filho, “Zinga”, prefeito de Catuti)

A partir dos relatos e depoimentos é possível perceber que o trem de passageiros, também, possibilitou o desenvolvimento no Norte de Minas. Todos aqueles que viveram na época do trem baiano lembram com saudade daquele tempo. Hoje, sem o trem, os lavradores da região comercializam produtos, no mercado de Mato Verde, na tentativa de garantir a sobrevivência de suas famílias.

“Todo final de semana, todo sábado traz essas coisas e vende aqui. Nós veve é disso, panha lá no mato e traz e vende. A sobrevivência da família é isso aí”, afirmou o Antônio Simões de Oliveira.

Vaidoso, seu Clemente é um típico geraizeiro, enquanto vende e compra

produtos aproveita para cuidar do visual, engraxando as botas.

“Aproveito para engraxar porque ta muito sujo, né. Eu vendo rapadura, tijolo, compro carne, compro outras coisas feijão, arroz. Venho de Rio Pardo de Minas”, declarou o produtor rural, Clemente Ramos Lima.

A equipe do trem baiano segue viagem para Monte Azul. Na chegada, uma recepção calorosa, com discursos emocionantes, pedindo a volta do trem de passageiros. Para o presidente da OSCIP Amigos do Trem Baiano, esse sonho não é impossível.

“A esperança dizem que é a última que morre, mas nós estamos esperançosos. Já houve diversos progressos desde que começamos o movimento. Agora dizer que volta é meio difícil. É um trabalho burocrático que não depende só da gente. Nós precisamos é ter o trem para poder reformar. Se nós conseguirmos ter o trem, o material rodante, a locomotiva, o carro de passageiros. Aí eu te falo volta, mas enquanto não conseguir isso. Mesmo reformando estações, mesmo todo esse processo eu não te falo que o trem volta”, afirmou Alberto Bouchardet.

Quem aumenta o movimento são os ex funcionários, que trabalhavam na Rede Ferroviária Central do Brasil.

“O trem baiano era muito bom. Durante o dia todo, era trem chegando e trem saindo. Um movimento grande, essa praça, aí, era tudo cheio de pensão. O povo ia para pensão. Os açougues tudo cheio de gente aí comprando. Era um comércio muito bacana, um movimento medonho. Os trabalhadores da ferrovia comprava tudo aqui, não precisava ir até o centro da cidade, tinha de tudo aí. E depois que acabou o trem, não tem nada. A vida era diferente. Com o trem, era tudo melhor. Um dia arrumava serviço, pegava o trem

Para ir noutra cidade mais para frente para procurar um serviço, para arrumar um recurso para alguma doença. Tem gente que morre até na mingua, porque não tem condição de sair para fora.”, afirmou o ex-ferroviário João Pereira da Silva.

Enquanto o trem não volta, Monte Azul se sustenta com a maior feira livre da região. Uma infinidade de produtos como o pequi e a farinha comercializados no local mantêm vivas características próprias dos Geraes.

“Eu chegava, aqui, já tinha carro da roça, carregava esse povo pra roça, pra trabalhar, uma maravilha. Hoje, acabou tudo. Naquele tempo era bom, era bom mesmo. A gente viajava alegre, viajava daqui para Belo Horizonte. Oia era cheio mesmo. Todo mundo amigo um do outro”, lembra com saudade o lavrador José Francisco da Silva.

“Pra nós era muito mais melhor que hoje, porque as passagem era sempre mais barata, ia para São Paulo, pra Belo Horizonte, Montes Claros, Janaúba. Era bem melhor. Eu achava bem melhor”, lamentou o lavrador Agostinho José Cardoso.

Visitamos, ainda, o Centro de Artesanato, onde conhecemos as histórias e lendas da criação de Monte Azul. Os personagens históricos do município, com fama de autoritários, foram imortalizados pelo grupo Giramundo com a criação de bonecos.

“O povo de Monte Azul é um povo acolhedor, um povo hospitaleiro assim. Então, eu gostei do pessoal daqui e terminei ficando aqui. Desde 61, que eu moro aqui, em Monte Azul. O povo acostumava com os personagens autoritários. Com a braveza, o povo era obediente. Eles obedeciam aquelas regras e normalmente seguia ao que eles pediam. Então como se

diz tem até uma história aqui de um homem que perguntaram: mas em Monte Azul diz que o povo é tudo bravo? Não. Aqui não tem ninguém bravo, quando chega um valente aqui a gente manda embora”, explicou o historiador José Pereira da Silva.

O centro, também, abre espaço para práticas de economia solidária, que beneficiam muitas famílias. No tear manual e utilizando de muita criatividade, dona Clarice cria variadas peças de artesanato. Entre as matérias-primas, produtos típicos da região como as taliscas.

“O trem baiano e a retomada da produção do algodão que é a matéria-prima. O que na realidade a gente quer é pegar essa cadeia produtiva, desde a plantação, pequenos agricultores até a coloração. Aqui eu tenho vários tons de linhas. Essas linhas foram coloridas com tintura natural. Então, tudo isso valoriza o produto. Na zona rural, aqui, tem muitos teares que podem ser reutilizados. Muitas tecelãs que pararam pela falta do algodão e pela falta, também, do escoamento. Então, eu acho que com a volta do trem do baiano seria muito mais fácil. Tanto da gente sair e ir levar como a vinda de gente de fora para comprar”, defendeu a artesã Clarice do Carmo Silveira.

E a expedição possibilitou, ainda, um encontro de equipes: os aventureiros do Trem Baiano se desviam dos trilhos para seguir o Roteiro Unidades de Conservação na visita ao Parque Estadual Caminhos dos Geraes.

Seguindo viagem, em Espinosa, visitamos a cachoeira do rio Pedra Branca. Um dos pontos turísticos da região.

Com um enorme senso de responsabilidade, no caminho de volta, os técnicos do Instituto Estadual de Florestas avistaram uma enorme nuvem de fumaça. A equipe interrompe o percurso para conter o incêndio, que ameaçava o Parque Estadual

Caminhos dos Geraes. Dona Ana explica como tudo aconteceu:

“Eu fui pegar um pau de lenha limpo né para fazer almoço e tinha um marimbondi, aí eu peguei e fui queimar o marimbondi e pegou fogo no capim. Foi culpa minha. Tentei conter, mas não consegui. Eu agradeço muito a Deus e a vocês se não fosse vocês tinha queimado tudo até a serra”.
(Anan Nunes Rodrigues, costureira)

Para evitar situações como essa, o IEF faz um alerta:

“Se não fosse feito o combate agora, com certeza ia adentrar pro Parque. Aí os gastos seriam bem maiores e o controle do fogo seria mais difícil. Então, nesse caso, o combate tem que ser feito no início. E nos dias de hoje que o pessoal tão preocupado

com o aquecimento global, efeito estufa. Isso aqui na nossa região é comum. Infelizmente, é preciso um trabalho de educação ambiental muito bem feito. De casa em casa, de porta em porta”, argumentou o Gerente técnico de Unidade de Conservação e expedicionário, Neilton Viana.

Chegamos ao fim de mais uma viagem com a esperança de que o trem de passageiros volte a percorrer os trilhos do Norte de Minas, renovando com ele a esperança de dias melhores, reafirmando a identidade dos que vivem no entorno da ferrovia, e incrementando o turismo nessa região de belezas naturais e riquezas de culturas materiais e imateriais desse povo sertanejo, que representa a síntese desse povo brasileiro, mestiço por natureza, como diria Darcy Ribeiro.



Referências Bibliográficas:

- ALBERTI, Verena. História oral: a experiência do Cpdoc/Verena Alberti. – Rio de Janeiro: Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, 1989.
- BECKER, Howard S. Métodos de Pesquisa em Ciências Sociais. Tradução Marco Estevão e Renato Aguiar. 3 ed. Editora HUCITEC. São Paulo, 1997.
- COSTA, João Batista de Almeida. Revista “Cultura, Natureza e Populações Tradicionais: O Norte de Minas como síntese da nação brasileira”, In: Verde Grande V. 1, N. 3/2006. EDITORA UNIMONTES
- _____. Mineiros e Baianeiros: Englobamento, Exclusão e Resistência. Brasília: Universidade de Brasília/ Departamento de Antropologia. 2003. Tese de Doutorado.
- CUNHA, Euclides da. Os Sertões. Campanha de Canudos. 39 ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves; São Paulo: Publifolha, 2000. Grandes Nomes do Pensamento Brasileiro.
- ENTREVISTAS com moradores às margens dos trilhos, no período de 15 a 18 de Novembro de 2007.
- GUIMARÃES ROSA, João. Grande Sertão Veredas. 36 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

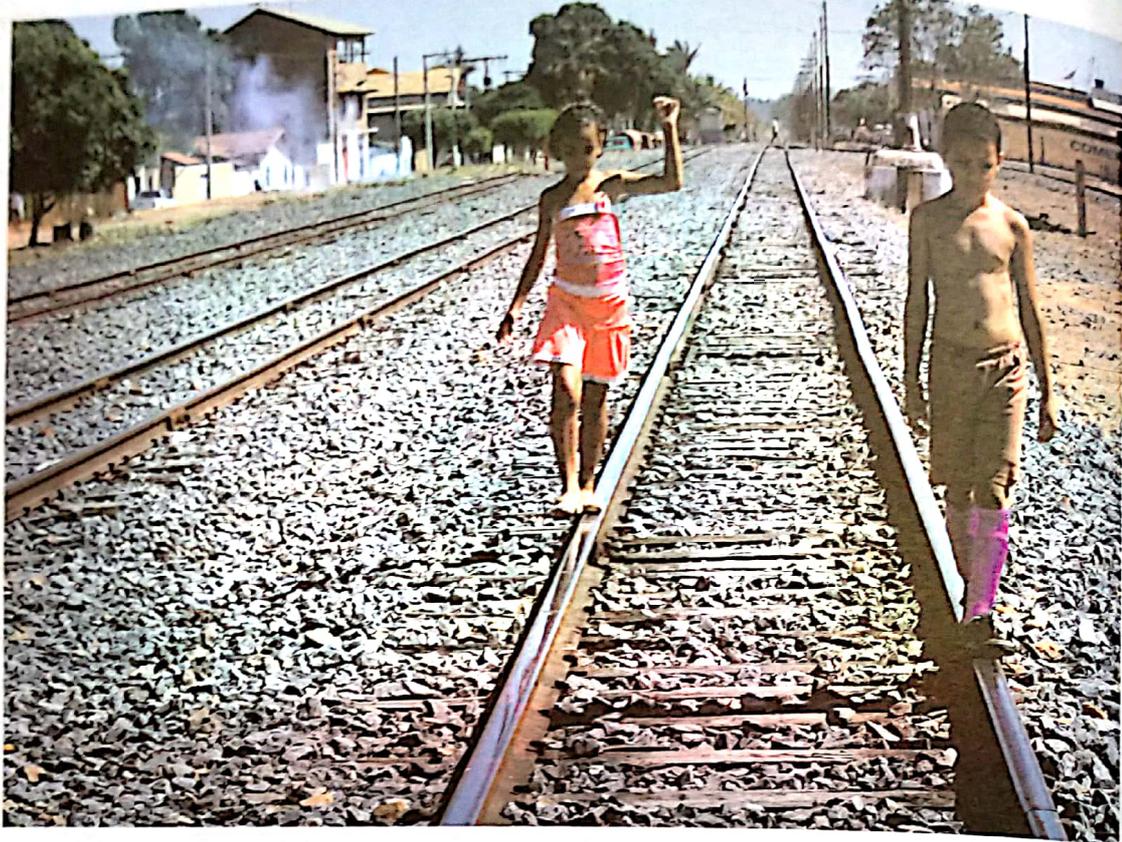


Foto Solon Queiroz



Foto Solon Queiroz